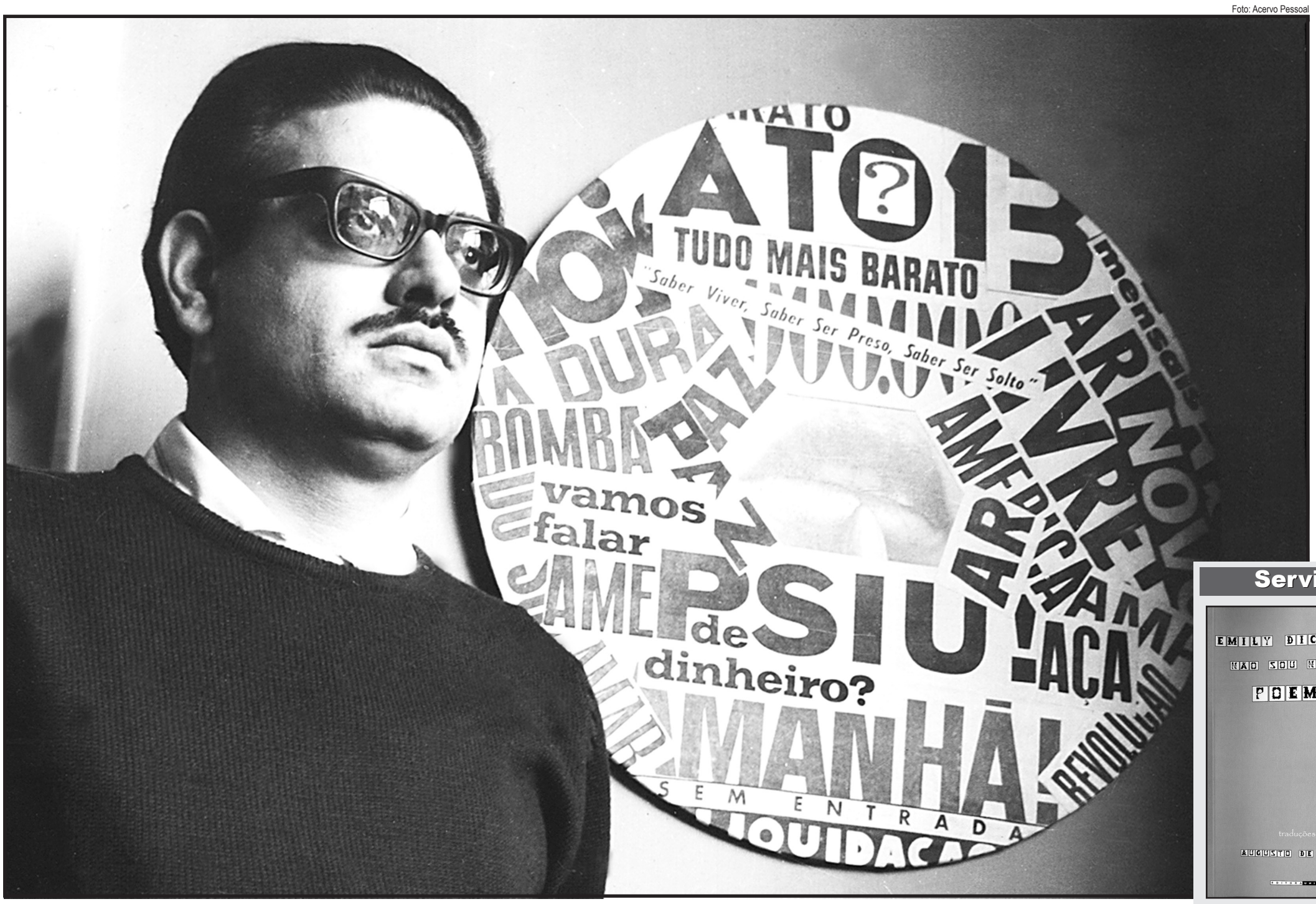
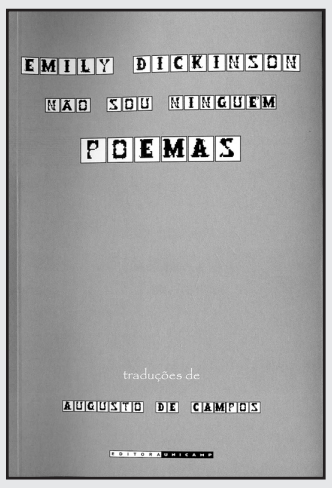
O ‘folhetim de versos’ e os cibercéus do futuro

Foto: Acervo Pessoal



Augusto de Campos ao lado do seu poema PSIU!, em foto feita em sua casa nos anos 70

Serviço



Título: Emily Dickinson: Não sou ninguém
Tradução: Augusto de Campos
Páginas: 122
Edição: 1ª
Tamanho: 14 x 21 cm
Preço: R$ 25,00

Continuação da página 7

JU – ***Desde a década de 80 o sr. vem usando recursos tecnológicos e mais recentemente os meios digitais e a Web como plataformas para a sua poesia, inclusive com o aproveitamento de recursos sonoros. Acredita que há uma revolução da linguagem poética em marcha na Internet?”***

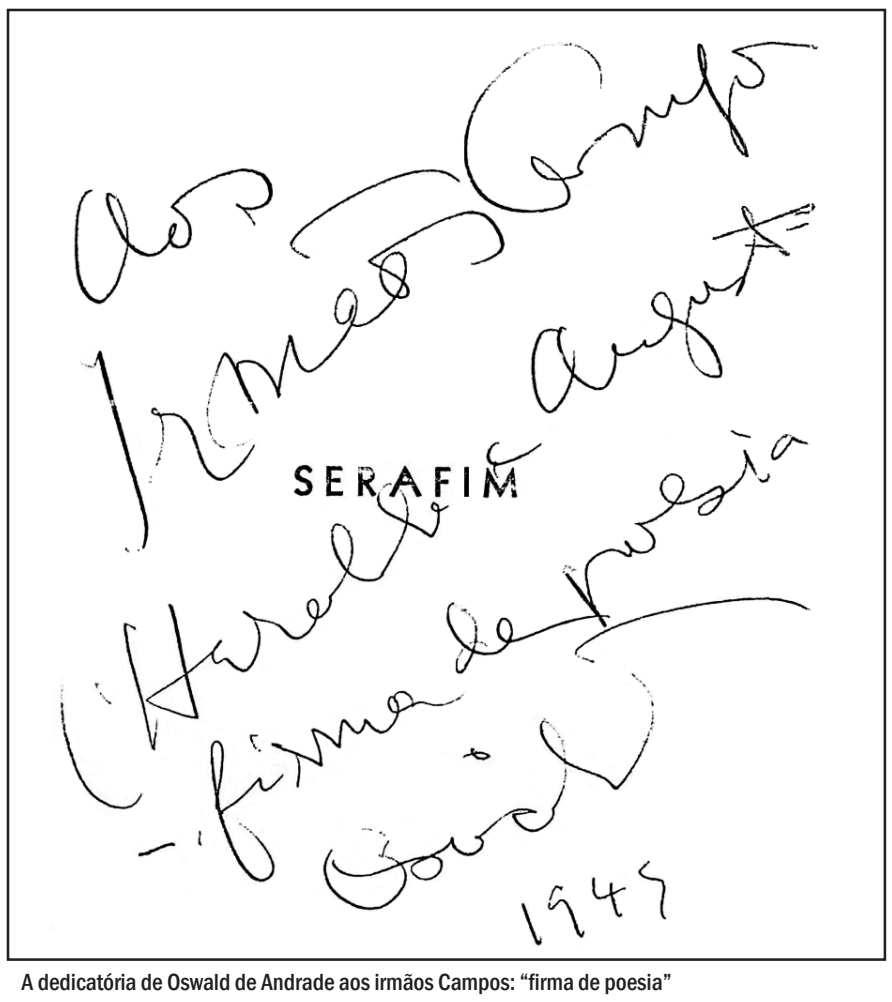
Augusto de Campos – Para mim, “computers are beautiful”, embora estejam sempre à beira de um ataque de nervos e nem sempre correspondam à minha afeição. “Las computaddoras” também são muito ingratas, e quanto aos ”upgrades”, que anacronizam nossos hardwares e softwares a cada seis meses, elas sabem ser cruéis. “They’re bad, man. Very bad.” Os macmaníacos, como eu, sofrem mais ainda pelo seu amor mal-correspondido… “Meu preço é alto”, sussurram elas, girando as bolsinhas dos seus “I-s”, apesar de toda a admiração que tenho por Steve Jobs, o maior “designer” da era digital. Acho – é evidente – a linguagem da informática muito propícia e inspiradora para o desenvolvimento de novas formas de fazer poesia. Mas como tenho dito e repetido, o domínio das novas tecnologias, por si só, não assegura poesia de alta qualidade.

O próprio Décio, precursor conceitual da arte digital no Brasil, sempre disse: “Pra fazer poesia basta um lápis”…” De acordo. Questão de “duende”. No entanto, se as ferramentas virtuais e os inumeráveis recursos da tecnologia digital nada garantem, não é mais fácil encontrar os lápis capazes de deixar duradouramente impressos na página branca os seus estiletes de grafita. Muitas vezes os procurei e não achei. Estava em falta na praça… Em termos de informação, e apesar das resistências acadêmicas, a Internet já é uma revolução. Você pode ouvir, e até baixar em MP3 para o seu computador, todas as leituras encontradas de Pound – as gravadas em LP e as jamais divulgadas, disponibilizadas pelos herdeiros do poeta. Nunca vi-ouvi nada igual. No popular YouTube, você assiste a muita porcaria (“Salve-se quem souber!”, dizia o nosso microtonalista, o suíço-baiano Walter Smetak). Mas pode “ouver” até a uma versão robótica do Ballet “Mécanique”, de George Antheil…

JU – ***Com freqüência as vanguardas do século 20 vieram na esteira das mudanças dos modos de produção. Apesar da forte mudança de matriz tecnológica nas últimas décadas, não há sinais visíveis de novas vanguardas. Faz sentido a afirmação de que as vanguardas chegaram a seu ponto de esgotamento? Isto é irremissível? Ou as vanguardas seguem existindo e apenas não são percebidas como antes? Naquela mesma entrevista, há doze anos, Haroldo dizia que “os netos da geração de 45 parecem estar de volta, mais retrógrados e reacionários do que nunca”. É possível qualificar a poesia que se pratica hoje no Brasil, isto é, a poesia que tem mais livre curso entre nós? A volta à discursividade é necessariamente um retrocesso?***

Augusto de Campos – Para mim, o sentido da palavra ”vanguarda” não está necessariamente ligado a grupos e movimentos, embora, sim, as mudanças tecnológicas afetem a poesia. Mas as questões sociais, também. E muitas outras coisas. Prefiro o conceito atemporal de ”invenção”, que tem como emblema o trovador provençal Arnaut Daniel, do qual só restaram 18 canções. No entanto, embora desgastada, a palavra “vanguarda” pelo menos não engana ninguém. Quem teria a coragem de dizer que Jorge Amado ou Paulo Coelho (“no offense”) são escritores de ”vanguarda” como se pode ainda dizer de Joyce ou Apollinaire? Essa história de que “as vanguardas” já cumpriram o seu papel histórico é argumentação defensiva dos que não souberam ou não puderam conversar com a sua época.

Discordo do eminente crítico Antonio Candido, quando quer atribuir caráter de efemeridade às vanguardas. Se assim fosse, o que seria da obra de um Joyce, um “Oswáld”, um Duchamp, um Khliébnikov ou um Schoenberg? Ninguém precisa ser “inventor” para ser um bom ou um grande poeta. Consciente do seu valor, dizia Mário Faustino com generosa auto-ironia: “Eu não sou um inventor. Gostaria de ser um mestre. Mas se acaso for apenas um diluidor, tudo bem, espero ser dos úteis“. Os nascidos com a ingrata função de “make it new” são uma espécie, entre outras, de artistas. Certamente a menos aplaudida, se o sucesso popular é o que se almeja. O compositor mais insultado de todos os tempos, já com escandalosa má-reputação como artista, convocado para o serviço militar na guerra de 1914, respondeu à pergunta do oficial atônito que registrava o seu nome: “O sr. é o compositor Arnold Schoenberg?” Resposta: “Sim, alguém tinha que sê-lo, e como ninguém o quisesse ser, eu resolvi assumir esse encargo.”



A dedicatória de Oswald de Andrade aos irmãos Campos: “firma de poesia”

JU – ***De uma entrevista sua: “Quem o quiser praticar hoje o soneto tem que se medir com Dante, Camões, Shakespeare, Mallarmé, Rimbaud, Hopkins, Fernando Pessoa, Augusto dos Anjos etc. etc. etc.” – isto dito num contexto de exaustão das formas. Poetas de linhagem concreta hoje não estariam diante de desafio parecido, que é o de se medir com Augusto, Décio e Haroldo?***

Augusto de Campos – Eu aludia aos versos de pé-quebrado que rolam, impunes, por aí, e também à tentativa de reabilitação do soneto por poetas de novas gerações. No mínimo pé-quebradíssimo e no máximo competentíssimo, mas reincidindo em todos os clichês “sonotológicos” (sic), embora de temática atual. De Camões a Cummings, o soneto foi explorado de todas as maneiras e está mais exaurido que a poesia concreta. Não dou conselhos aos poetas mais jovens porque, como disse Pound, os velhos tendem a gostar dos que se parecem com eles… Instado, nos últimos anos, já quase-mudo, a dar um conselho aos poetas novos, EP, aposentado da sua “Ezuversity” disse apenas: ”Curiosity, curiosity”. Quanto aos “trigênios” – “bright Brazilians blasting at bastards”, como os saudou ele em uma de suas cartas – é verdade que tornaram mais difícil fazer poesia, mas isso é saudável para os poetas e os realmente bons, que eventualmente os apreciarem, saberão “admirar” e ”fazer outra coisa”.

JU – ***Que projetos o sr. tem para o futuro no campo da poesia, da tradução ou da crítica?***

Augusto de Campos – A curto prazo, um livro de traduções intitulado *Byron e Keats — Entreversos*, já acolhido pela Editora da Unicamp. A médio prazo, outro, também de traduções, *August Stramm — Poemas-Estalactites*, já anunciado pela Perspectiva. Gostaria muito de reeditar as traduções de Cummings e a antologia da poesia de Pound, que organizei, ambas fora de circulação, mas problemas com direitos autorais e outros entraves burocráticos impediram a republicação desses livros, há muito esgotados. Teriam até alguns acréscimos. Mas os editores originais não se interessaram em reimprimi-los. Há ainda uma proposta para republicar o esgotadíssimo *A Serpente e Pensar*, contendo a tradução do poema “Esboço de uma Serpente” e extratos dos “Cadernos” de Valéry. A longo prazo, 50 novos poemas de Rilke, à espera de que se esgote a 2ª edição de *Coisas e Anjos de Rilke*, para incluí-los na 3ª, já que pertencem, quase todos, ao mesmo período do “Livro de Imagens” e dos “Novos Poemas”.

Enquanto isso, vou publicando na Internet, já que os cadernos culturais de grande circulação expulsaram os poetas da república das letras. Mas as edições de poesia levam anos para se esgotar… Como vêem, continuo cada vez mais “vocalista”. Novos poemas? Muito poucos… e duvidosos. Considerando a distância que medeia entre *Viva Vaia* (1979) e os dois últimos livros, *Despoesia* (1994) e *Não* (2003) e a minha idade avançada, a perspectiva mais plausível é a de reabilitar o soneto camoniano (“começou a servir outros sete anos…”). Pode bem ser que eu já tenha ido para o espaço quando tiver poemas suficientes para um novo “folhetim de versos” (grande Cesário!). “Poemas esparsos” me parece um nome pós-razoável. Mas confesso que acho mais bonito terminar com um **Não** e um **Sem Saída**, partindo do livro para os cibercéus do futuro.